

# Militares sul-africanos sabiam ser avião presidencial

— mais revelações sobre a morte do Presidente Samora Machel

10/4/86

**P**OLÍCIAS militares sul-africanos chegaram ao local do despenhamento do avião do Presidente Samora Machel logo após a queda, e não horas depois como se pensava até aqui, e indicaram saber que se tratava do avião presidencial moçambicano.

Esta foi uma das informações prestadas por Vasco Langa, um dos sobreviventes do despenhamento, dia 19 de Outubro, após o seu regresso a Maputo, dia 30, vindo de um hospital de Nelspruit, no Transvaal.

Vasco Langa, funcionário do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, partiu já para Moscovo, para completar o seu tratamento, mas antes de deixar Maputo falou com alguns dirigentes moçambicanos. A A.M. teve acesso à gravação da conversa.

Langa disse que o avião se despenhou cerca das 21.15. Com o embate no solo — a uns 300 metros da fronteira moçambicana — ele perdeu os sentidos mas recuperou-os poucos minutos depois.

Num gesto mecânico, peculiar à natureza das suas funções de funcionário do Protocolo, Langa olhou para o seu relógio quando retomou a consciência. «Eram 21.35», disse.

Mal acabara de retomar os sentidos, viu três grupos de homens brancos e negros armados dirigirem-se para o local da queda, parecendo-lhe que havia nove homens em cada grupo. «Um grupo veio da asa direita, onde eu estava sentado e trazia pistolas na mão. Passaram à frente, por cima dos corpos. Falavam em africâns e zulu».

Langa afirmou que um deles repetia constantemente a frase «uphi Samora, uphi Samora?» (onde está Samora?). Ao longo da conversa, Langa viu várias vezes esta frase, e quando ainda o estado de choque e angústia dos dias de dor por que passou.

«Eu deduzi que eles não conseguiam localizar o Camarada Presidente, porque ele não estava fardado, estava a civil».

Mais adiante, Vasco Langa diria: «eu não sei se a intenção deles era encontrar o Camarada Presidente vivo e acabá-lo, ou então encontrar o Camarada Presidente vivo, levá-lo, irem fazer uma coisa qualquer e voltarem a devolver o corpo».

Ele opinou que esta terá sido uma das razões por que «eles tiveram muito medo de vir anunciar a queda do avião».

Langa disse que, após o primeiro grupo aparecer um segundo vindo da «cabeça do avião», passando pelo lado onde eu estava». O grupo «pulsava mesmo as pessoas», disse.

Em voz muito baixa, Langa disse a um colega que tinha sobrevivido que o melhor era não fazerem qualquer ruído pois ele pensava inicialmente que se tratava de bandidos armados. Os minutos passaram e as dores eram tão grandes que os sobreviventes que já tinham retomado os sentidos come-

çaram a gritar «socorro, socorro, socorro».

Langa contou que um dos grupos tinha lanternas, tendo começado a recolher documentos dos destroços. «Apanharam os documentos da Ivete (Secretária do Presidente Samora Machel) e do Camarada Presidente. Apanharam todos os documentos aí fora e foram-se embora. A nossa impressão é que eles foram tomar posição em volta do avião».

Langa disse então que falou com o médico pessoal do Presidente Samora Machel, o cubano Henriques Bettencourt, que pedia ajuda. O médico chegou mesmo a chamar Langa pelo nome. Langa disse-lhe que não se podia mover para o ir ajudar porque tinha «as pernas partidas».

Um outro sobrevivente, Almeida Pedro, disse numa conferência de Imprensa, já em Maputo, que menos pessoas teriam morrido se os sul-africanos tivessem prestado ajuda imediatamente aos feridos, em vez de pesarem horas a recolher documentos e outros materiais.

Bettencourt viria a morrer. O seu corpo e o do seu colega cubano Ulisses La Rosa Mesa (também médico pessoal do Presidente) já foram trasladados para Havana.

Langa disse que a certa altura ouviu o «barulho de helicópteros». Os helicópteros não chegaram ao local. Mais tarde vieram muitos carros, que se colocaram «em várias posições em volta do avião com as luzes acesas, mas quando se aproximaram do local apagaram as luzes. Ficaram com aquelas lanternas muito grandes de focos».

Langa disse que um outro sobrevivente, Fernando Manuel João, caminhou para fora do local da queda como que às cegas, algum tempo depois de ele, Langa, ter retomado os sentidos.

Eram cerca das oito da manhã do dia 20 quando os primeiros sobreviventes deram entrada num hospital de Nelspruit. Ali Langa viveu vários dias de dor e receio.

Ele afirmou que ficou sozinho numa enfermaria. A sua roupa foi cortada com uma tesoura e levada. «Chamaram elementos da Imprensa, da filmagem, da fotografia. Não sei quantos fotógrafos eram». Disse que, a certa altura, devido às dores e às perguntas que lhe faziam, ficou «afrito» e empurrou um homem que o filmava, fazendo com que a câmara de filmagem caísse no chão.

Langa contou que nos dias 20 a 24 de Outubro foi submetido a vários «interrogatórios», chegando ao ponto de os seus interrogadores o terem tentado aliar para se juntar aos bandidos armados.

«Perguntaram-me por que é que eu andava com Samora». Langa afirmou que começou por lhes mentir, dizendo-lhes apenas que vinha num grupo de estudantes moçambicanos que estavam na Zâmbia e que pedira boleia à delegação presidencial para o regresso a Maputo.

«Mas eles já tinham as nossas listas e viram o meu nome. Disseram: «Langa, é bom dizer a verdade, porque nós já temos os dados todos sobre ti e a tua profissão. É bom dizer há quanto tempo tu vieste com Samora». Eu disse a eles que tinha começado a viajar há pouco tempo, que ainda era estagiário».

Vasco Langa recorda-se que os seus interrogadores «começaram a perguntar os gostos dele (do Presidente Samora Machel), o que ele gostava de fazer, o que é que ele pensava de África do Sul. Eu disse que não podia dizer porque tinha começado a trabalhar com ele há pouco tempo».

Depois «fizeram perguntas sobre a última reunião que (Samora Machel) tinha tido com os zimbabwenses, o que é que tinham discutido, o que é que eu pensava. Eu disse que não sabia de nada».

Houve então uma tentativa de aliciamento para ele se juntar aos bandidos armados. «Eles disseram: «tu não sabes que o RENAMO está a avançar, está a tomar posições importantes? Não sabes isso?».

Langa respondeu-lhes que desconhecia esses assuntos por não participar em «suas políticas». Mas os seus interrogadores insistiram. «Não, Langa, estamos a ver que estás muito ferido. Nos garantimos-te que em duas semanas vamos submeteter-te a operações e tratamentos intensivos. Mas de ficar bom. Vamos levar-te para Pretória. Em Pretória há-de ir estudar e queremos-te juntar ao grupo que está a trabalhar para libertar Moçambique. Estás a ver? Se tivesses ido para Moçambique já tinhas morrido».

Na conversa com os dirigentes moçambicanos Langa não especificou em que dia é que cada interrogatório teve lugar, mas esta tentativa de aliciamento deve ter acontecido logo na manhã do dia 20, após a chegada ao hospital de Nelspruit, porque Langa a contou, em palavras muito breves, ao Vice-Ministro da Saúde, Dr. Fernando Vaz, no dia 20.

Fernando Vaz estava na primeira delegação moçambicana a ir a Komapoort no dia 20. Enquanto uma parte da delegação aguardava em Komatiport o momento de partir para Mbuluzi — local da queda do avião — o Dr. Vaz partiu de helicóptero para Nelspruit, a fim de ir ver o estado de saúde dos sobreviventes. Dos dez sobreviventes só o engenheiro de bordo soviético Novosselov tinha sido levado para um hospital de Pretória.

Langa chamou o Dr. Vaz à parte e contou-lhe que «depois de nos trazerem, eu serei entregue para trabalhar com os bandidos». Langa pediu ao Vice-Ministro que o não deixasse ali, pois tinha medo de ser morto. O Dr. Vaz tranquilizou-o, após o que Langa lhe pediu que transmitisse os seus receios a Marcelino dos Santos,

membro do Bureau Político do Partido Frelimo.

Vasco Langa contou aos dirigentes moçambicanos que os interrogatórios prosseguiram, incidindo sobre vários tópicos.

«Eles mandaram um major da Força Aérea para vir fazer perguntas sobre Aviação. Eu respondia a ele que não percebia nada de Aviação. É então que ele levanta o ponto de que a tripulação estava bêbada. Eu disse que não, por norma a tripulação não bebe quando sabe que vai voar». Durante o voo Langa contactou com a tripulação, pois só fazia parte do seu trabalho. Era ele que estava encarregado de enviar mensagens a Maputo, através do contacto entre a tripulação e a torre de controlo no aeroporto da capital moçambicana.

«Não», disse-lhe o major. «O avião caiu porque os rusos estavam bêbados, já nos confirmou aquele soviético que levámos» (para Pretória).

O interrogatório prosseguiu. «Então o major da Força Aérea disse assim: «podes calcular a altitude a que estavam a voar?». Eu disse que não sabia. Perguntou se eu tinha visto alguma cidade quando nós estávamos a aproximado (de Maputo). «OK, vamos prosseguir amanhã».

Vasco Langa contou que um irmão dele, saído de Moçambique há sete anos, o veio ver ao hospital após três reconhecido numa foto publicada nos

jornais sul-africanos. Ele informou que, quando os dois tinham começado a falar em changane, foram interrompidos até que chegasse um polícia negro que falava changane e que acompanhou a conversa entre os dois irmãos.

Langa contou que, mal chegou ao hospital, e ainda sofrendo de dores agudas, teve que ouvir dos militares sul-africanos frases chocantes como «você sabe que Samora morreu? Sabe que o marxista morreu?».

Ele recordou que tentou suicidar-se quando Carlos Jambo, um outro sobrevivente, lhe disse que encontrara o corpo do Presidente Samora Machel já sem vida. Tomado de angústia, Langa disse que pegou numa fios finos de uma das asas — possivelmente fios de aço — dobrou-os e tentou metê-los nas narinas, para ver se provocava uma hemorragia.

Vasco Langa deu nesta conversa, uma informação que poderá ajudar a explicar o facto de não ter havido explosão no momento da queda, e de alguns passageiros terem escapado com vida. Ele disse que «os pilotos abriram as válvulas do combustível. Parecia um tambor furado. E à maneira como o combustível saía, sobretudo na minha asa». Langa descreveu com um som agudo e arrastado, o combustível a sair a jorro. «Foi o cuidado que os pilotos tiveram, porque se não tivessem feito isso, teria ardo».